

RITUAIS DE SEPULTAMENTO KAINGÁNG*

*Ana Lúcia Vulfe Nötzold***

*Ninarosa Mozzato da Silva Manfroi****

Através da pesquisa sobre a história e memória Kaingáng junto a T.I (Terra Indígena) Xaçecó, apresentamos os rituais funerários desta etnia, para tanto, fundamentamos este artigo nos textos dos seguintes pesquisadores: Alfred Métraux (1946), Loureiro Fernandes (1941), Herbert Baldus (1937), Telêmaco M. Borba (1908) entre outros. Enfatizamos a parte da memória na descrição do ritual do Kiki - ritual religioso praticado atualmente apenas na comunidade Kaingáng da T.I Xaçecó, uma tradição que é repassada e rezada pelos anciãos da aldeia, que está sendo registrada, em parceria, pelos professores da Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkre e o LABHIN - Laboratório de História Indígena da UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.

O nome Kaingáng foi apresentado por Telêmaco Borba em 1882, para designar os índios não-Guarani que habitavam os Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, integrante do tronco lingüístico Jê.

A T.I. Xaçecó, tem essa denominação por localizar-se no cruzamento dos rios Xaçecó e Chapecozinho; situa-se entre os municípios de Ipuacu e Entre Rios, no oeste catarinense, e teve origem no decreto de 18 de junho de 1902, assinado pelo então presidente do Estado do Paraná, Francisco Xavier da Silva (nesta época esta região pertencia ao Paraná). Possui atualmente 15.623 hectares e aproximadamente 4500 indivíduos, de acordo com dados fornecidos pelo vice-cacique sr. Nilson Belino Machado.

Dentro dessa TI encontramos as seguintes aldeias: Sede do Posto, Olaria, Serrano, Cerro Doce, Pinhalzinho, Água Branca, Fazenda São José, Matão, Paiol de Barro, Limeira, Guarani e Samburá. A predominância é da população Kaingáng, porém encontramos um pequeno grupo Guarani.

*Trabalho apresentado na modalidade painel na XX SEURS-Seminário da Extensão Universitária da Região Sul, Pelotas-RS, 19 a 21 de agosto de 2002.

**Etno-historiadora, Professora do Deptº de História, Coordenadora do LABHIN-Laboratório de História Indígena/Universidade Federal de Santa Catarina

***Acadêmica do Curso de Graduação em História, Bolsista do LABHIN no Projeto de Extensão: Kaingáng na conquista da cidadania.

A TI Xaçecó é atendida pela Administração Regional da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) de Chapecó que administra também as T.Is de Chimbangue/SC, Pinhal/SC, Rio dos Pardos/SC, Xaçecó/SC, Nonoai/RS e Palmas/PR¹.

Devido ao processo do contato, a cultura Kaingáng se modificou, como podemos verificar no relato de Baldus, em 1933 os indígenas não mais dormiam no chão, porém, “(...) os velhos Kaingáng conservam ainda alguma coisa da cultura dos antepassados.” Parte desta cultura é o culto aos mortos, “expressão mais forte da cultura espiritual dos Kaingáng(...)”² - o Kiki. Todos participam inclusive as crianças. O maior objetivo do Kiki é romper os laços entre os vivos e os fantasmas, conduzindo-os através do ritual à sua última morada para que permaneçam em paz³. O ritual é realizado, atualmente apenas na T.I Xaçecó (SC), entre meados de abril a junho, quando “o milho fica verde e as frutas das araucárias amadurecem”⁴. O ritual ainda é o mesmo conforme os apontamentos de Baldus publicados em 1937, com algumas adaptações em relação aos ingredientes da bebida. Nele estão presentes o cocho da araucária no qual é fermentada a bebida, os rezadores, as marcas das duas metades Kamé e Kairu e o maracá.

Manizer⁵, citado por Métraux (1946, p. 40), enfatiza que a iniciativa de realizar o Kiki é de um parente distante e nunca pela esposa ou filha, para cultuar um pai, irmã ou filho. O que simboliza o início do ritual é um ramo verde colocado sobre a sepultura enquanto outros se encarregam de divulgá-lo na aldeia. Utilizam-se dos gomos da taquara para confeccionar seus copos e é neles que servem a bebida na festa dos mortos⁶. Alternam a ida ao cemitério estando por vezes à frente Kamé ou Kairu, dependendo do morto que receberá o culto. À frente, o cantador ou rezador da respectiva metade faz sua homenagem com

¹NÖTZOLD, A. L. V.

A trajetória da implantação do ensino diferenciado: o caso Kaingáng do Xaçecózinho. Trabalho apresentado no VIII Encontro Estadual de História - ANPUH. História: experiências e desafios. Florianópolis, 28 a 31 de agosto de 2000. Não publicado.

²BALDUS, H. **Ensaio de etnologia brasileira.** São Paulo. Companhia Editora Nacional. 5ª ed. Vol. 101, 1937. p. 33.

³MÉTRAUX, A. The Caingang. In: **Handbook of South American Indians.** Washington: J. Steward ED., 1946. Vol 1, parte 3, pp. 445-475. Tradução Jacó Cesar Piccolo, p. 40.

⁴BALDUS, op. cit., p. 51.

⁵MANIZER, H. H. **Les kaingang de São Paulo.** Congr. Int. Amer. Sess. 23, N. York, 1928. pp. 760-791.

⁶FERNANDES, L. **Os Caingangues de Palmas.** Paraná, 1941. Arquivos do Museu Paranaense, Vol. 1, Curitiba. p. 187.

acompanhamento de dança. Ao chegarem, somente o rezador e os dançadores entram no cemitério e dançam sobre a sepultura com o intuito de expulsar o morto. Os outros que acompanham o ritual, aguardam silenciosamente do lado de fora. Este rito é repetido pelas metades, voltam ao aldeamento, acendem fogueiras e dançam ao redor delas até amanhecer quando então, abrem o cocho e tomam da bebida fermentada⁷.

Se morre, imediatamente o enterram, deitado, com seo arco, flechas, curú e machado, em uma cova superficial, forrada e coberta com madeiras e terra por cima destas; fazem seos vinhos e convidam os vizinhos para levantar a sepultura, carregando terra em cestos, deitando-a sobre esta, até tomar a forma de uma pyramide conica, de dous a quatro metros de altura e seis a oito de diametro na base concluido este serviço, dirigem-se todos ao rancho de onde sahio o morto e principiam todos, sentados ao redor de um comprido fogo, a beber o quiqui e cantar as acções do morto; depois de já um pouco quentes, levantam-se cantando e dançando, aos saltos compassados, ao som do maracá (xil), vão dando volta ao grande fogo, e assim continuam, ora sentados, ora em pé, sempre cantando e sempre bebendo, até acabar o vinho; então, vão lavar-se ao rio e dormir⁸.

Muito se tem perdido, inclusive parte de sua memória está sendo reelaborada, devido ao processo de contato ao qual os indígenas passaram e passam em relação a cultura do não-indio, sendo que esta exerce grande influência que se manifesta, inclusive, nos atos e rituais de sepultamento, onde observamos a introdução de túmulos com cruzeiros ou ainda, o abandono temporário de suas práticas rituais como veremos mais adiante. Apesar disto, permanecem com algumas retomadas, três valores básicos entre os Kaingáng: o idioma, a família e o culto aos mortos⁹.

Segundo Chaui, os ritos são criados para manter a ligação entre dois mundos: o espiritual e o material. “No entanto, uma vez fixada a simbologia de

⁷BALDUS, op. cit., p. 56-60.

⁸BORBA, T. *Actualidade indígena*. Curitiba, PR: Typ E Lytog. A Vapor Impressora Paranaense, 1908. p. 13.

⁹BECKER, I. I. B. *O índio Kaingáng do Paraná: subsídios para uma etno-história*. São Leopoldo: UNISINOS, 1999. p. 144.

um ritual, sua eficácia dependerá da repetição minuciosa e perfeita do rito...¹⁰“, preocupação presente na nação Kaingáng uma vez que, se o ritual não for realizado como disseram os antigos, isto poderá causar a morte na comunidade.

Abandonado na década de 50, provavelmente devido ao processo de evangelização, quando passaram a conhecer e praticar o uso das rezas do não-indio nos enterros de seus mortos, e retomado na década de 70, o Kiki se faz presente na prática da repetição dos rituais diminuindo a distância com o passado, sendo o presente quase que um reencontro com o passado e tudo o que ele invoca, no tempo atual.

Envolve a prática histórica do sepultamento as pinturas corporais, danças, canções, dieta alimentar, formas de enterramento e culto aos mortos.

O Kiki é uma festa anual que realiza-se a pedido de um parente do falecido, morte esta ocorrida, há no mínimo, um ano e só ocorre se houver mortos das duas metades, kamé e kairu, uma vez que são opostas e se complementam seja no casamento, nas rezas, nas responsabilidades pois, o mundo pertence, segundo o mito da criação, à metade kamé ou kairu que a partir desses dois irmãos e de sua gente é que foram criadas as plantas e os animais e “por acreditarem firmemente numa outra vida, as religiões possuem ritos funerários, encarregados de preparar e garantir a entrada do morto na outra vida¹¹”. Desta forma, o Kiki cumpre a sua função encaminhando o morto, junto com seus pertences - uma vez que a viagem será longa - até o mundo do oeste onde a caça será abundante.

A pintura, parte integrante da cultura Kaingáng, caracteriza-os a que grupo pertencem dependendo do traço representado por linhas ou círculos¹² (kamé, Kairu)¹³, utilizada também em rituais funerários quando pintam seus rostos representando as duas metades, pares opostos que se complementam, e nestas ocasiões, cada uma delas tem um cantador¹⁴. Eles acreditavam que as pinturas os protegeriam contra os raptos da alma, que seria proveniente de algum espírito ou fantasma de um parente, o que poderia causar-lhes a morte¹⁵.

Alguns registros como os de Baldus, nos descrevem que os mortos eram enterrados uns em cima dos outros, tendo a cova de 4 a 6 palmos de

¹⁰CHAUI, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática. 12ª edição, 2000. p. 299.

¹¹Ibid., p. 302.

¹²FERNANDES, op. cit., p. 173.

¹³ “As metades exôgamias são kamé e kairu. Os kamé estão relacionados à marca comprida (râtéi), à pertinácia e à posição Leste, parte de cima do pinheiro. Os Kairu estão relacionados à marca redonda (rârôr), a um gênio empreendedor e à posição Oeste, parte de baixo do pinheiro.” (OLIVEIRA, 1996, p. 54).

¹⁴BALDUS, op. cit., p. 46.

¹⁵MÉTRAUX, op. cit., p. 19-30.

profundidade, com o morto enterrado com a cabeça voltada para leste e os pés para oeste sendo que, sobre o túmulo formavam elevações de terra chegando até 3 metros de altura. Quando perguntado ao cacique sobre o motivo de sobrepor cadáveres, foi dada a seguinte explicação: “ Se se desenterram os mortos, prejudica isto os vivos, e muitos morrerão. Assim os antigos disseram¹⁶”. Tinham o cuidado de não jogar terra direto sobre o cadáver, pois isto impediria que a alma viajasse em busca dos antepassados. Hoje, os Kaingáng, para o sepultamento, adotaram as práticas dos não-índios, isto devido ao contato com as igrejas que, presentes na aldeia com sua diversidade de credos, influenciam a comunidade indígena em seus costumes religiosos.

Lamentos, danças, cânticos e ingestão de bebida eram adotados por um longo período no culto à sepultura durante o amanhecer e ao anoitecer, momentos em que os parentes do morto costumavam pronunciar prantos infelizes. A ingestão da bebida segundo Baldus, tem a finalidade dos vivos não temerem os mortos e dominarem todos os poderes que lhe são estranhos e desconhecidos¹⁷, tornando-os assim, durante o ritual, os vivos mais fortes que os mortos. A bebida simboliza a alma do falecido por isto, ao ser ingerida, os vivos sentem-se tão fortes quanto o morto, prontos para encaminhá-lo ao mundo do oeste.

Alguns cantos eram entoados no cerimonial de sepultamento o que atesta, pelas suas letras, a crença na vida após a morte como podemos observar a seguir:

1º

Cagmá, iengrê, oanán eiõ ohó iá, engô que tin, in fimbré, ixan na ióngóngue, ianá que nõ ò caicá, katô nõ ó eká maingvè.

Tradução livre:

Passe com cuidado a ponte. Viva bem com os outros; assim como elles vivem bem, você também pode viver. Lá você há de ver muita cousa que já vio aqui em minha terra, assim como o gaviã. Teos parentes hão de vir te encontrar na ponte e te levarão com elles para a tua morada.

¹⁶BALDUS, op. cit., p. 48.

¹⁷Ibid., p. 52.

2º

Conaí comó c ò ondiè, è ni moni tá, gogo-bangus taré vo can ien caindè
rain tarè, eiokang ien.

Tradução livre:

Passe bem pela ponte do rio grande; chegando ao campo diga aos outros:

- Eu estou aqui.

Coma bem as fructas do comá e vire as pedras que têm limo antes de
passar.

3º

Iá ia há vè perá iè, aiè ienó, vezei corendiè.

Tradução livre:

Vá-se embora, viva bem como os outros que estão lá.¹⁸

Acreditavam na vida além túmulo, tanto que o feiticeiro avisava o espírito do cadáver quanto aos perigos desconhecidos que poderia enfrentar mas, enfim, chegaria à terra dos mortos tendo como localidade o oeste onde a caça seria abundante e os espíritos velhos rejuvenesceriam¹⁹.

Emília Moura²⁰ nos diz que não existe igualdade absoluta entre todas as comunidades. Cada povo forma uma nação diferente com características próprias logo, dentro da comunidade indígena, o indivíduo tem o seu valor reconhecido pela produção particular que é revertida em benefício para toda a aldeia. Seja produção social, material, cultural e espiritual assim, a posição de cada um no grupo fortalece-se como algo distinto e coletivo ao mesmo tempo. E é desta participação grupal, deste valor e respeito atribuído ao indivíduo-coletivo que os vivos temem os mortos pois, a sua participação na aldeia deixou marcas que são reconhecidas na sua produção e como foi para o mundo desconhecido, eles o temem.

Os objetos produzidos são classificados por bom, útil e necessário independente de padrões artísticos. Sendo assim, a confecção do maracá, instrumento musical utilizado no ritual do kiki, deve ser confeccionado por quem sabe fazê-lo e do por quê o faz. É instrumento musical utilizado pelos

¹⁸BORBA, op. cit., p. 34.

¹⁹MÉTRAUX, op. cit., p. 32.

²⁰MOURA, E. **Um universo que se refaz a cada dia**. Jornal O Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.estadao-escola.com.br/escola/pesquisa/artigos/ano1999/cultura/1999041732205.htm>>. Acesso em 12/06/2002.

rezadores, servindo para dar ritmo às danças e de uma certa forma, de comunicarem-se com os mortos. O maracá, é confeccionado com porongo, da árvore cuieira, no qual são colocadas sementes sendo que, cada uma delas refere-se a um indígena falecido, inclusive os inimigos, traduzindo-se em uma homenagem ao espírito de cada um deles tendo a função de libertação do morto (entende-se libertação do espírito em relação ao corpo). Além disto, as sementes servem para fazer ruído de chocalho.

Associado com o culto aos mortos, quanto mais enfeitado um instrumento musical, mais ele está ligado a um culto religioso. Para alguns grupos indígenas integrantes da família Jê, como os Caiapó por exemplo, o maracá representa em sua forma arredondada o círculo da aldeia e o cabo o centro da aldeia, ou ainda, a cabeça, parte do corpo mais valorizada pelos Caiapó²¹.

Becker, cita que os sepultamentos eram diferenciados obedecendo um certo status social assim, quanto maior o pranto, maior a posição social dentro da aldeia. Para os caciques o pranto dura mais dias mas, todos eram enterrados no mesmo local²², com a cabeça voltada para leste e os pés para oeste, tendo em comum com os Botocudos esta mesma direção cardeal com o diferencial de que estes enterravam seus mortos sentados, voltados para oeste. Podemos concluir que encaravam a morte de frente, sem temor.

As crianças recebiam um cerimonial diferente do adulto. Eram enterradas em covas rasas, sem a construção da pirâmide de terra e sem festas.

Como já citado anteriormente, Kamé e Kairu são metades que se complementam e nos casos de viuvez se auxiliam mutuamente. Assim, Becker cita Vieira dos Santos que foi encarregado de administrar o Posto Indígena de Nonoai no RS de 1941 a 1957, quando prestando trabalho ao Serviço de Proteção ao Índio²³, mesmo não sendo historiador, deixou registros que nos apresentam informações sobre este grupo: “Quando enviava um Kaiuk-ré, ele sai para um retiro de 8 dias no mato, onde não seja visto por ninguém. Nesse período não faz coisa alguma e deve passar deitado, sendo atendido por um

²¹VIDAL, L. *Os índios, nós*. Museu Nacional de Etnologia. Lisboa: 2000. p. 130-131.

²²BECKER, I. I. B. *O Índio Kaingâng no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 1995. p. 264.

²³ “Criado pelo decreto nº 8072 de 20 de Julho de 1910, modificado pelo de nº 9214 de 15 de dezembro de 1911, neste contendo pela primeira vez como princípio de lei, o respeito às tribos indígenas como povos que tinham o direito de ser eles próprios, de professar suas crenças, de viver segundo o único modo que sabiam fazê-lo: aquele que aprenderam de seus antepassados e que só lentamente podia mudar.” (RIBEIRO, D. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil Moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 157-158).

Kamé, que só lhe pode dar milho torrado - o “eink-tô”. Quando enviuvava um Kamé, faz um retiro só de 5 dias e é atendido por um Kaiuk-ré, do mesmo modo²⁴. A diferença de dias de retiro entre Kamé e Kairu, deve-se justamente a representação de um e de outro, sendo o kamé mais forte do que o kairu. Da mesma noção de complementaridade, atendem-se mutuamente em suas partes opostas, “os Kaingáng mantêm também a crença de que se, por ocasião do retiro, for o retirado atendido por um integrante do mesmo grupo, toda a nação Kaingáng sofrerá um castigo de epidemias e mortandades. Dizem eles que os antigos contam que isto já aconteceu²⁵ “. Ainda sobre o ritual da(o) viúva(o), fazia parte a dieta alimentar a base de sopa de pishé (milho), cozinhar de madrugada, banhar-se com ervas e água fria significando um resfriamento das relações, abster-se de olhar para os demais, principalmente para as crianças. Protegiam-se de seus sonhos com o falecido, usando um travesseiro de alfavaca. Essas medidas visavam afastar qualquer malefício que o morto pudesse causar.

As viúvas ficavam afastadas da aldeia em outro rancho, incomunicáveis, pranteando a morte do falecido três vezes ao dia, ao amanhecer, ao meio-dia e ao entardecer. Este ritual fazia parte do cerimonial chamado Vaicoquefu²⁶, celebrado oito dias após a morte e sepultamento. Hoje já não é mais praticado.

Tudo o que se referia ao morto, recebia um atendimento diferenciado, a viúva como citado acima, a casa, muitas vezes queimada, defumada com guiné²⁷, completamente limpa ou pintada; os objetos pessoais enterrados com o morto; seu nome que não deveria ser pronunciado até que o morto visitasse a aldeia do vivo e devolvesse seu nome à comunidade, ficando liberado para ser utilizado novamente.

Na cultura indígena o morto morre porque quer, é ele que escolhe a hora da partida gerando em quem fica, lamentações, ritos e canções.

Diferentemente de hoje, no passado não tinham uma religião ou uma divindade à quem se dirigissem pedindo proteção ou atendimento de uma prece,

²⁴BECKER, O índio Kaingang no Rio... , p. 272.

²⁵Ibid., p. 273.

²⁶BECKER, O índio Kaingáng do Paraná..., p. 324, 325.

²⁷OLIVEIRA, M. C. Os curadores Kaingáng e a recriação de suas práticas: estudo de caso na Aldeia Xapecó (oeste SC). Florianópolis, 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina. p. 124. Para maiores informações sobre a planta: Seu nome científico é *petivera tetrandra*, Gomes. Conhecida entre outros nomes como *tipi*, *amansa senhor*, *erva de alho*. Trata-se de uma erva de folhas lisas e flores miúdas, com característico cheiro forte de alho. Entre suas propriedades está a de tirar as vibrações negativas da alma. <<http://www.corciopopular.com.br/fmedicina.htm>. Acessado em 24/07/2002.

contudo temiam os mortos e o que eles podiam lhes causar. Interessante que temiam o desconhecido- conhecido, ou seja, o vivo que ao morrer, poderia vir a lhes importunar.

Teschauer²⁸, citado por Becker (1995, p. 274), sacerdote ordenado pela Companhia de Jesus, relatou ser difícil a catequização e que ela deveria ser feita com calma pois os indígenas não entendiam a idéia de um Ser Supremo, tendo muito forte em sua cultura a idéia da imortalidade da alma. O que poderia ser comprovado no ato do sepultamento que era feito com objetos do falecido, os quais poderiam lhe serem úteis no outro mundo. Como pôde ser verificado no ato de sepultamento do Cacique Doble (sepultado no aldeamento com seu arco e flechas, panela de ferro e um chifre de boi para beber água²⁹) além do varapau ao lado, por ser de uso pessoal e intransferível (considerada a mais nobre das armas, utilizada nas caçadas de animais).

As informações são muitas e tornam-se repetitivas comprovando suas práticas ritualísticas, vendo em seus mortos, espíritos maus e perigosos.

Devido ao contato a cultura indígena sofreu influências. A nação Kaingáng adaptou-se a algumas delas como meio de sobrevivência, como por exemplo a venda de artesanatos, outras manteve, como a língua ensinada dentro da escola e ainda, algumas abandonadas, questionadas e retomadas como foi o caso do Kiki, talvez na tentativa de preservar sua cultura através da lembrança de rituais.

²⁸TESCHAUER, C. S. J.. A catequese dos índios Coroados de São Pedro do Rio Grande. Contribuição para a história da civilização da América. 1905. *Anuário do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Ano XXI: . 129-168. WEBER, C., HENRIQUES, K. N. R. Os Kaingang. In: *Informe sobre os povos indígenas de Santa Catarina*. Florianópolis: Designflor Computação e Gráfica Ltda, 1999.

²⁹BECKER, *O índio Kaingáng no Rio ...*, p. 275.

FONTES E BIBLIOGRAFIA.

- BALDUS, H. O culto aos mortos entre os Kaingang de Palmas. In: **Ensaio de etnologia brasileira**. Brasiliense, Biblioteca Pedagógica: 5ª ed. vol. 101.
- BECKER, I.I.B. **O índio Kaingáng do Paraná: subsídios para uma etno-história**. São Leopoldo: Unisinos, 1999.
- _____. **O índio Kaingáng no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Unisinos, 1995.
- BORBA, T. **Actualidade Indígena**. Curitiba, PR: Typ. E Lytog. A Vapor Impressora Paranaense, 1908.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática. 12ª edição, 2000.
- FERNANDES, L. **Os Caingangues de Palmas**. Paraná, junho, 1941. Arquivos do Museu Paranaense, Vol. 1, Curitiba.
- FERNANDES, R. C. **Autoridade política Kaingang: um estudo sobre a construção da legitimidade política entre os Kaingáng de Palmas/Paraná**. Florianópolis, 1998. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação de Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina.
- MABILDE, P. F. A. B. **Apontamento sobre os indígenas selvagens da Nação Coroados dos matos da Província do Rio Grande do Sul: 1836-1866**. São Paulo: IBRASA: Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.
- MANIZER, H. H. Les Kaingang de São Paulo. Congr. Int. Amer. Sess. 23, N. York, 1928.
- MÉTRAUX, A. The Caingang. In: Smithsonian Institution. (Vol. I, 1946). Steward, Julian H. (editor). **Handbook of South American Indians**.
- MOURA, E. **Um universo que se refaz a cada dia**. Jornal O Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.estadoescola.com.br/escola/pesquisa/artigos/ano1999/cultura/1999041732205.htm>>. Acesso em 12/06/2002.
- NÖTZOLD, A. L. V. **A trajetória da implantação do ensino diferenciado: o caso Kaingáng do Xapecózinho**. VIII Encontro Estadual de História - ANPUH. História: experiências e desafios. Florianópolis, 28 a 31 de agosto de 2000. Não Publicado.

- OLIVEIRA, M. C. **Os curadores Kaingáng e a recriação de suas práticas: estudo de caso na Aldeia Xapecó (Oeste SC)**. Florianópolis, 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina.
- RIBEIRO, D. **Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno**. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.
- VIDAL, L. **Os índios, nós**. Museu Nacional de Etnologia. Lisboa: 2000.
- WEBER, C., HENRIQUES, K. N. R. Os Kaingang. In: **Informe sobre os povos indígenas de Santa Catarina**. Florianópolis: Designflor Computação e Gráfica Ltda, 1999.

Os conceitos, as informações e opiniões expressas nos artigos assinados e aqui publicados são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores, que gozam de ampla liberdade de opinião, crítica e estilo.